



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

Durbalino Alves da Silva Laranjeira e Angelina Maria da Costa Laranjeira

O diamantino brilho da família da Casa das Laranjeiras

A família da Casa das Laranjeiras, Durbalino Alves da Silva Laranjeira e sua mãe, Angelina Maria da Costa Laranjeira, que também dava pelo nome de Angelina Alves Laranjeira, destaca-se na nonagenária história da Santa Casa por representarem, em conjunto, os maiores legados desde sempre recebidos. Sem descendentes directos, esta destacada e ancestral família sanjoanense destinou os seus avultados bens a salvaguardar a capacidade da Santa Casa desempenhar a sua acção assistencial e de saúde, gesto indelével pela dimensão material e pelo testemunho do espírito cristão candente à época, de que os bens da terra são bons e frutuosos quando servem para alijar a árdua vida aos pobres. Por outro lado, a gestão e destino desses bens assoma como um dos factores de dissensão que perpassou a instituição entre 1949 e 1952.

Durbalino Laranjeira – um doutor de corpos e de almas

Durbalino Alves da Silva Laranjeira é um dos Irmãos Instaladores da Santa Casa em 1921, e desempenha o lugar de Secretário da primeira Mesa Administrativa, no biénio que decorre de 1 de Julho de 1922 a 30 de Junho de 1924 sob provedoria de Oliveira Júnior. Solteiro, é filho único de Angelina Alves Laranjeira e neto de Domingos Alves, “nobre figura de homem” da modesta aldeia de S. João da Madeira no século XIX embora “*não tendo braços nem pergaminhos*” (cf. “O Regional” n.º529, de 19 de Abril de 1942). Farmacêutico diplomado, fundador e director técnico da Farmácia Laranjeira e sócio da Farmácia LAMAR, gostava de avicultura e apicultura, chegando a ter envolvimento na política partidária como “*admirador das ideias novas especialmente no que dizia respeito a corporações e organização dos sindicatos*” (idem). Testemunho deste interesse é a cedência de terreno que faz, bem como de verbas do seu bolso, destinadas à construção da sede da Associação de Classe dos Operários Chapeleiros, predecessora do sindicato desta classe profissional e da qual foi tesoureiro e administrador das obras de construção.

Confiança no manto protector da Misericórdia

Falece inesperadamente em 2 de Abril de 1942, aos 65 anos de idade, legando todos os seus bens à Misericórdia, em testamento lavrado muitos anos antes e que nunca reviu, reservando o usufruto dos bens a sua mãe, que lhe sobrevive. Vem a ter o retrato a óleo descerrado no Salão Nobre da Misericórdia em 2 de Abril de 1944, por ocasião do segundo aniversário do passamento, e mesmo antes da disposição definitiva dos bens legados. Na cerimónia compareceram Ramiro Martins Leão, representando a mãe do homenageado, já doente, o Presidente da Câmara Municipal, e o Reverendo Pároco da vila. Entre as alocações destacam-se as palavras do amigo íntimo, Dr. Joaquim Alves Ferreira Milheiro, que definiu o carácter do homenageado, apelidando-o de despretenso, leal e bem-disposto.



Camilo Palmeira, em “Unhas Negras”, amigo da classe operária

Outro testemunho coevo do carácter deste benemérito encontra-se no romance “Unhas Negras”, do escritor conterrâneo João da Silva Correia. Além de um fidedigno retrato da sociedade sanjoanense dos primeiros anos do século XX, pois nele desfilam de modo romancado as figuras mais destacadas da aldeia, Durbalino Laranjeira é imortalizado numa das personagens centrais do livro, Camilo Palmeira, que nele se inspira. Em determinada passagem João da Silva Correia, descreve-o como “*simplesmente alguém que ama as classes proletárias, não já pelo lado prático da sua função em favor da grei, mas pela via-sacra dos sofrimentos e ingratidões que constituem o prémio mor das suas canseiras de trabalhadores*”. E mais à frente na voz de um operário sindicalista “*O senhor Camilo Palmeira é tão desinteressado como grande amigo, não só dos operários, como de todos os desventurados em geral, principalmente dos que o são pela grande desventura de serem pobres...*” e ainda depois pela voz de um outro operário “*Emparceira connosco, bate-se connosco, quase que sofre connosco. Quando há reuniões, logo aparece entre nós. Fala, aconselha, comove-se, entusiasma-se.*” Estes traços corroboram o percurso de vida deste benemérito, de grande lhaneza, que frutificou pelo destino que entendeu conferir aos seus bens.

Legado para salvaguardar cuidados aos necessitados

O valor do legado é determinado por António Henriques, em artigo publicado em 30 de Setembro de 1942 no jornal “O Sanjoanense”, num valor superior a mil contos à época. Intentaria por este legado, salvaguardar o acesso dos operários mais necessitados, e de suas famílias, a cuidados de saúde

hospitalar e assistência. Sendo difícil verter com rigor o benefício deste gesto, alguns dados avulsos apoiam o estabelecimento da sua grandeza. Vejamos a título de exemplo: em 1948 a venda de lenha e mato das propriedades legadas por Durbalino Laranjeira, renderam 77.500\$; dos 31 talhões de terreno transmitidos, e os dois últimos lotes para construção renderam 450 mil € já em fins dos anos 80. Por outro lado, o legado sucede em época de grandes dificuldades financeiras da Misericórdia, suscitada por algumas deliberações aventurosas e pelo retraimento da comunidade sanjoanense do Brasil, à excepção da Condessa Dias Garcia que mantém os compromissos assumidos em vida pelo seu marido, comunidade que deixa de remeter importantes donativos. Assim, os bens de Durbalino Laranjeira vão servir para acorrer às despesas com os estudos para criação do Centro de Assistência Materno-Infantil (dispensário com maternidade, creche e casas de assistência infantil) e dos

pavilhões para Infecto-Contagiosos e Tuberculosos, e à construção de 30 casas de um bairro de rendas económicas denominado bairro do Hospital, na Devesa-Velha, casas que vêm a ser alienadas em fins dos anos 90, rendendo mais de 100 mil €. Os bens foram

Abrigo Infantil das Laranjeiras – concretização de um sonho

A mãe deste Irmão Instituidor, Angelina Maria da Costa Laranjeira, vem a falecer em 28 de Dezembro de 1947. Senhora muito pia, com uma forte e persistente ligação à Igreja Católica, estendia a caridade aos pobres da nossa freguesia, na altura muito numerosos, que contavam sempre com a uma esmola para minorar as suas agrestes dificuldades. A sua bondade e generosidade eram largamente conhecidas, ao ponto de o Padre Cruz, por muitos considerado Santo, a visitar frequentemente, desfrutando da sua companhia, dando-lhe conforto espiritual, e recolhendo alguns donativos. Pelo falecimento lega a diversas pessoas e entidades, entre eles avultando a Santa Casa, conforme dispõe o testamento datado de 15 de Agosto de 1944, seguindo o exemplo do filho. Entre diversos bens e haveres, deixa duas casas no centro da vila, impondo como condição a instalação de uma Creche ou Abrigo em uma delas, para crianças do sexo feminino, que tivesse o nome de Casa das Laranjeiras. Esta disposição constituía um desejo alimentado ainda em vida mas não consumado, como forma de prestar lembrança de seu filho, intenção que faz pública no primeiro aniversário de falecimento de Durbalino Laranjeira, em 1943. A condição de instalação do Abrigo Infantil das Laranjeiras materializa-se em 9 de Setembro de 1949 com a inauguração desta obra, existindo ainda hoje uma creche da Misericórdia com esta designação, em homenagem e perpetuação do sonho da veneranda testadora.

A Quinta das Laranjeiras – o coração da cidade que vai nascer

A inauguração da do Abrigo Infantil das Laranjeiras desobriga a Misericórdia permitindo a execução do testamento, facto que acontece em 9 de Outubro de 1949 quando o testamentário Ramiro Martins Leão, arrola em sessão de Mesa Administrativa, os bens do legado transmitidos em favor da instituição e que incluem, além das duas casas no centro da vila, a quinta das Laranjeiras (terrenos com área aproximada de 10.000 m²), 8.207\$30 em dinheiro, e objectos, móveis e roupas diversas. Destes, o destino da Quinta das Laranjeiras foi bastante disputado na Irmadade, com o executor testamentário e os Irmãos reunidos em assembleia-geral em 1950 (entre eles todos Irmãos Instituidores de 1921 sobreviventes), a rejeitarem por maioria a proposta da provedoria de António Henriques que a pretendia vender, antes loteando-a para construções, afectando o produto a vários investimentos em curso. Esta rejeição viabiliza, mais tarde, que no terreno desta quinta se implante parte do leito do arruamento “Avenida Dr. Renato Araújo”, a avenida central da cidade e que lhe marca o traço urbano, e se erijam o Centro Coordenador de Transportes e o Dispensário Anti-Tuberculoso. Em 2 de Novembro de 1953 o Presidente da Comissão Administrativa, Benjamim Valente, anuncia na Assembleia Geral de Irmãos, que a Mesa Administrativa havia confiado a um artista de reconhecido valor a execução de um retrato a óleo desta grande benemérita.

